

Acordo sai por US\$ 200 milhões

**Bancos recebem bem
a nova proposta
do Brasil, mas querem
juros atrasados**

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — William R. Rhodes, o executivo do Citicorp que lidera o comitê de bancos credores do Brasil, afirmou ontem que os bancos receberam bem a promessa de uma retomada parcial dos pagamentos de juros da dívida externa no primeiro trimestre de 1991, mas “ficaram desapontados porque o Brasil ainda se recusa a tratar dos juros atrasados”. Rhodes disse que “um amplo fosso continua existindo entre o comitê e o governo nessa questão.

Uma fonte do Comitê disse ao **Estado** que não haverá acordo sem que o governo pague uma parte dos juros de 1990 e sugeriu que o pagamento de 30% dos vencimentos ocorridos desde o início das nego-

ciações, em outubro, poderia ser uma base para um compromisso. Os pagamentos já vencidos e a vencer no último trimestre deste ano somam cerca de US\$ 725 milhões. Isso talvez queira dizer que, apesar da cara feia dos bancos, o que separa o País de um acordo pode ser quantificado em pouco mais de US\$ 200 milhões.

A declaração de Rhodes, divulgada por meio de um porta-voz, contém um recado aos governos dos países industrializados e aos organismos financeiros internacionais, que submetem o Brasil a um virtual cerco financeiro desde o final de setembro: mantenham a pressão sobre o governo Collor. “O governo brasileiro se enganou se fez este gesto pensando nos credores oficiais”, disse um banqueiro. “A negociação é entre o governo e os bancos”.

O pagamento anunciado pelo governo foi classificado por outro banqueiro como “um cheque no correio”. A razão é que os bancos

só verão a maior parte do dinheiro no final de março, pois, tecnicamente, esta é a época do vencimento de 85% do pagamento oferecido.

Quebrar o isolamento na área oficial é o objetivo da missão que o negociador da dívida, Jório Dauter, iniciou ontem em Washington com os organismos multilaterais de crédito, depois de comunicar aos banqueiros a decisão unilateral do Brasil de reiniciar os pagamentos de uma parte da dívida. Ao deixar a reunião, o negociador classificou de positiva a reação dos bancos ao gesto do governo. “Naturalmente, eles querem mais”, disse. Ele acrescentou que as conversas com os bancos serão retomadas provavelmente em janeiro e afirmou que o reinício dos pagamentos é um gesto de boa fé. Jório se reuniu com técnicos dos FMI, que deverão ir ao Brasil em janeiro para negociar uma nova carta de intenção.